

18-10-2022

## PORQUE SE OMITE PROFESSOR??

**Fatima Sueli Neto Ribeiro**

[Professora Associada da UERJ]

O mundo inteiro está na expectativa do que vai acontecer no Brasil em 30 de outubro de 2022. Todos aguardando o que brasileiros vão fazer da oitava/nona/décima economia do mundo, o que será do maior Sistema de Saúde Público gratuito e sob controle social, do detentor da maior floresta do planeta. Não se trata apenas de uma mudança democrática de partidos que vão administrar o país segundo suas ideologias. Trata-se de um retrocesso inimaginável a um modelo fascista de estabelecer regras, apenas observáveis em países fundamentalistas e nacionalistas dominados por valores “religiosos”, e um rígido código de conduta que delimita funções e papéis claros e hierárquicos aos grupos sociais. O não cumprimento destes códigos é punido com extrema violência e morte. Talvez ainda não esteja claro para todos que uma eleição democrática não se dá com o assassinato dos apoiadores do oponente. Que no mundo atual a diversidade de opção sexual, a cor da pele, a origem regional ou étnica não podem ser objetos de violenta discriminação e de sumária sentença de morte. Já estamos num processo importante de desrespeito à vida, quando 700 mil pessoas morrem por omissão do governo federal e ainda assim os responsáveis por essas mortes são eleitos. Passamos quatro anos convivendo com absurdos como a negação da ciência, o formato da Terra e a criação de um inimigo imaginário. O cenário que se vislumbra é o de degradação sistemática e ascensão já anunciada de valores como: *“pobres não precisam estudar, devem se submeter a funções sociais inferiores; índios e florestas são desnecessários; mulheres são inferiores aos homens; nenhuma outra possibilidade de opção sexual é tolerada; todo negro é bandido e portanto pode ser assassinado; o ensino médio deve ser realizado à distância e sob responsabilidade de orientação dos pais; o ensino superior, também à distância, deve se limitar às áreas nobres clássicas como direito, engenharia e medicina, as demais são periféricas. Todos os sistemas de ensino e saúde devem ser pagos”...* Absurdos como estes estão sendo ditos e repetidos a toda hora como valores a serem adotados no modelo fascista. Eivado por uma aura mística de pessoa iluminada por um certo “Deus”, o protagonista deste modelo se permite apregoar a violência, realizar corrupção e desvio dos recursos públicos para a própria família, implantar na legislação modelos de repasse de recursos obscuros e sem a visibilidade que o orçamento público deve obedecer. Tudo devidamente minimizado por categorias religiosas, grande mídia e um judiciário acovardado. Se a ampliação deste cenário é o “meteoro” que se avizinha no Brasil, por que os professores insistem em “não olhar para cima?”, em não discutir o perigo que se avizinha com seus alunos, muitas vezes ainda iludidos pela retórica de jargões com apelos falsos de “família ou Deus”?

Em que momento essas pessoas - portadoras legais da função de apresentar o conhecimento das ciências naturais, exatas e humanas - vão perceber que não haverá possibilidade de ciência num modelo totalitário que se avizinha? Cálculos e ciências da natureza serão subsumidos a valores pseudoreligiosos e absolutamente econômicos. De que adianta ensinar a função dos genes relacionados ao controle da multiplicação e diferenciação celular para o câncer, enquanto nas vésperas da eleição o governo atual corta 45% do orçamento para o tratamento de câncer no sistema de saúde. Ou ainda, retira R\$1bilhão do orçamento das universidades e colégios federais, em ambos os casos para favorecer o orçamento secreto, usado em acordos políticos para a reeleição do atual presidente. São exemplos da importância do professor como difusor e amplificador da escandalosa situação atual da subtração de direitos.

Isso não está oculto, está nas mídias, mas concorrendo com temas menores como mentiras (*fake news*), piadinhas de mau gosto do presidente, exaltação à fé e demonização do inimigo e até campeonato de futebol. Neste mascaramento do perigo que se avizinha, ao invés de apontar para cima e para o risco, alguns se refugiam no conteúdo inerte de transmissão de conhecimentos estáticos, mas que garantem seu *status quo* de “pessoa bem aceita”, de professor “cumpridor dos seus afazeres”, sem se dar conta de que é essa alienação desejada pelos autores da revolução retrógrada e fascista que se avizinha. Sem perceber a ameaça da sua profissão e do seu papel fundamental de defesa do futuro de seus alunos negros, pobres, índios, quilombolas, mulheres, etc. Para Pimenta (1996) a identidade docente se constrói pelo significado que cada professor dá para a sua profissão, enquanto autor e ator a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e de seus anseios. Logo, o professor não é um ser neutro, isento de angústias e de pressão social. Mais do que isso é um orientador dos valores científicos, éticos e morais presentes na sociedade. Negar isso é o que desejam os cursos à distância gravados por leitores de conteúdos selecionados. Nos próximos dias não há conteúdo teórico ou prático maior do que explicitar o perigo que se avizinha, são dias contados e estratégicos para que o Brasil mergulhe nas trevas autoritárias, para que 500 anos sejam recolocados na direção oposta da democracia e dos valores humanos e da natureza. Adiar o ensino de qualquer conteúdo nos próximos dias para o alerta técnico-social do que se avizinha é tomar a posição na guerra. Não há neutralidade na frente de batalha. Necessariamente você, professor/a, está alimentando um lado com sua posição ou sua omissão. O futuro está nas mãos, nas palavras e nos gestos de cada momento de aula. Neste momento, neutralidade não é uma opção. Sua consciência será seu juiz dia 31 de outubro de 2022 e todos os dias depois desse.

■ ■ ■

### Referência

Pimenta, Selma Garrido. *Formação de professores - Saberes da docência e identidade do professor. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v.22, n.2, p.72- 89, 1996.*

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*